



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO
BÁSICA-PARFOR

EVERALDO ALEIXO DA COSTA

**FATORES DA EVASÃO ESCOLAR NA EJA EM UMA ESCOLA EM NOVA
TIMBOTEUA, PA**

**Castanhal-PA
2018**

EVERALDO ALEIXO DA COSTA

**FATORES DA EVASÃO ESCOLAR NA EJA EM UMA ESCOLA EM NOVA
TIMBOTEUA, PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia, da Faculdade de Pedagogia, Campus Universitário de Castanhal, Universidade Federal do Pará, como requisito à obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Msc. Cirlene do Socorro Silva da Silva.

**Castanhal-PA
2018**

EVERALDO ALEIXO DA COSTA

**FATORES DA EVASÃO ESCOLAR NA EJA EM UMA ESCOLA EM NOVA
TIMBOTEUA, PA**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de Licenciado em Pedagogia e aprovado em sua forma final pelo Curso de Graduação em Pedagogia, Campus Universitário de Castanhal, Universidade Federal do Pará.

Professor e orientador Fulano de Tal, Dr. (Presidente)
Universidade Federal do Pará

Prof. Fulano de tal, Dr. (Membro interno)
Universidade Federal do Pará

**Castanhal-PA
2018**

Dedico este trabalho à minha mãe Izete Aleixo, que sempre partilhou deste sonho comigo, nos momentos difíceis estava sempre ao meu lado, me incentivou desde cedo a buscar uma qualificação no mundo do saber. Ao meu pai Raimundo Rodrigues (in memoriam), que me ensinou que a liberdade está naquilo que o homem vivencia a cada dia, e que o amor nunca se apaga do coração de quem ama.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é algo satisfatório, pois você dá o retorno a quem tanto lhe ajudou no decorrer de sua caminhada no mundo do conhecimento. Hoje o que eu conquisto faz parte de um coletivo que sem ele nada seria possível.

À Deus, por não deixar abalar a fé que está implícita em meu humilde coração, e que sem essa força excêntrica, os objetivos não seriam alcançados.

À minha mãe, que é meu porto seguro nos momentos difíceis, a quem eu me apoiei, na hora estenuante e árdua, da graduação.

À minha família que me deu forças e afetividade para eu seguir nessa longa jornada no mundo do conhecimento. Ao meu pai, que mesmo não estando no plano material, há ele eu recorro em meus pensamentos, para seguir lutando por algo maior.

À minha orientadora Prof^a Msc. Cirlene Silva, que humildemente me deu subsídios teóricos e pedagógicos, e foi fundamental na construção deste trabalho de conclusão de curso.

Aos meus amigos de graduação, que ao longo desses quatro anos foram parceiros incontestáveis, pelo qual eu pude aprender o valor de uma amizade. Aos meus professores que contribuíram com a minha formação pedagógica.

Ao parfor, pela oportunidade do ingresso na universidade federal do Pará, onde eu tive subsídios pedagógicos para concluir a graduação em pedagogia, e o apoio durante esses quatro anos.

A todos, meu muito obrigado!

“A educação pode existir livre e, entre todos, pode ser uma das maneiras que as pessoas criam para tornar comum suas idéias sua vida”.

(BRANDÃO, 2007, p.10).

RESUMO

O presente trabalho buscou mostrar os possíveis fatores que contribuem para a evasão na EJA. À mesma é uma modalidade de ensino que tem avanços e retrocessos. O trabalho apresenta o conceito de educação, evasão escolar e EJA no espaço rural. O estudo optou pela realização de uma pesquisa de campo, norteado por uma abordagem qualitativa, cuja finalidade foi identificar as causas da evasão, as técnicas para coleta dos dados foi entrevista semiestruturada com quatro discentes que pararam de estudar e uma professora da modalidade EJA, através de 20 questionários e entrevistas. As interpretações dos dados nos possibilita uma reflexão sobre o fator da evasão, principalmente no espaço rural. Assim, verificou-se que quando questionados os sujeitos de pesquisa demonstraram coerência em relação ao que eles pensam e vivenciam na Eja. A referida pesquisa mostra que a maior causa de evasão é o trabalho, o transporte escolar, e a falta de incentivo da família.

Palavras-chave: Educação. Jovens e adultos. Evasão escolar. Zona Rural.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Contribuição das atividades dos professores para a aprendizagem dos alunos.....37

Gráfico 2- Condições que motivaram o afastamento dos educandos da escola.....40

Gráfico 3- Sugestões de melhorias para a escola, segundo os educandos da EJA.42

Gráfico 4- Pretensão dos alunos em continuar os estudos.....45

LISTA DE SIGLAS

MEC	Ministério da Educação
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFPA	Universidade Federal do Pará
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
EJA	Educação de Jovens e Adulto
PNE	Plano Nacional de Educação
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização
LDBN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PNEDH	Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos
IBJE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	A INTERFACE ENTRE EDUCAÇÃO E “EVASÃO”.....	14
2.1	O conceito de Educação	
2.2	A Educação de Jovens e Adultos	17
3	A “EVASÃO” NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DO ESPAÇO RURAL	22
3.1	O termo evasão	22
3.2	A EJA no espaço rural.....	26
4	POR QUE OS ESTUDANTES DA EJA PARAM DE ESTUDAR?.....	33
4.1	A Abordagem e o Caminho da Pesquisa	33
4.1.1	O Perfil dos Sujeitos.....	34
4.2	Escola e Aprendizado.....	34
4.3	Evasão, EJA e Trabalho.....	37
4.4	Dificuldades de ir à Escola.....	41
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
	REFERÊNCIAS.....	49
	APÊNDICE.....	52
	Apêndice A- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido- TCLE.....	53
	Apêndice B- Questionário para Aluno.....	54

1 INTRODUÇÃO

O interesse pela temática evasão escolar na EJA, surgiu a partir de meu ingresso na Escola Municipal de Ensino Fundamental Vila Nova, no ano de 2010, como docente. Pois, percebi que os alunos pouco frequentavam as aulas e isso interferia em sua aprendizagem. Além deste, vários fatores me levaram a estudar o referido tema, de forma preliminar os problemas aparentes seriam as faltas dos discente que eram constantes, o mal comportamento em relação aos patrimônios escolares e no tratamento aos profissionais que exercem a função de docente.

Considerando os problemas relatados, o estudo tem a intenção de contribuir e informar ao corpo docente e secretarias educacionais, que a evasão escolar principalmente na EJA é muito frequente. Além de demonstrar reflexões e possibilidades para que sejam implementadas políticas que venham contribuir para que os discentes não parem de estudar, e que seja estimulada a sua participação na escola.

Deste modo, o estudo pode contribuir para que instituições e secretaria, criem possibilidades para que os discentes dessa modalidade de ensino possam refletir sobre seu papel de cidadão, e ao mesmo tempo, terem consciência que são sujeitos histórico e culturais.

Assim, diante dessa problemática justifica-se que a pesquisa tem uma relevância de crescimento pessoal e profissional que pode contribuir para que as instituições educacionais possam discutir sobre o processo de evasão. Passo importante que trará benefício para a escola e comunidade de modo que mais jovens e adultos permaneçam na escola. A pesquisa foi realizada em uma escola pública com a turma da 4^o etapa. Sabemos que os fatores de evasão na EJA são vários, que estão ligados ao sujeito discente e ao docente. Assim, segundo Ramofly (2002), um dos fatores é, a elevada carga de trabalho pesada dos estudante na roça exigindo muita disposição, força física e dedicação, pois, os alunos ao chegarem a escola já com o cansaço do dia a dia, não sentem prazer em aprender, possa ser que muitas vezes encontram uma aula monótona e não dinâmica. Por isso o estudo busca analisar a relação evasão e trabalho. E, talvez um outro fator que contribua para a evasão na EJA em Vila Timboteua, no Município de Nova Timboteua Pará, é, justamente a extração de um fruto chamado açaí, um fruto tipicamente amazônico especificamente paraense que é extraído da árvore açaizeiro, que é a base da

economia local, pois muitos alunos aproveitam a safra que vai de agosto a dezembro, para aumentar sua renda financeira e por esse motivo chegam a evadir no segundo semestre do ano letivo, pois um outro fator que também cito aqui, é devido a vergonha de alguns alunos de já estarem na plena adolescência ou adulto, chegam a evadir com medo do preconceito social, de deboche ou por não se acharem capazes de se alfabetizar ou aprender.

A evasão na Educação de Jovens e Adultos é frequente na Escola Maria Urbana da Silva em Vila Timboteua, durante 04 anos que desenvolvi à docência, nas turmas da EJA, pude perceber que os alunos faltavam com frequência e isso interferiu em suas aprendizagens. Através de sondagens e experiência com esse público é preciso constatar que os mesmos por motivos financeiros trabalham durante o dia e a noite e por isso têm dificuldade de se manter em sala. Diante dessa realidade formulamos a seguinte pergunta: Quais os fatores que contribuem para o aumento da evasão na EJA na Escola Maria Urbana da Silva?

Para responder a esse problema de pesquisa o estudo tem como objetivo geral: Compreender os fatores que contribuem para que ocorra a evasão escolar na EJA na Escola Maria Urbana da Silva, na 4ª etapa. E como objetivos específicos: a) Identificar os fatores que levam a evasão escolar na EJA; b) Descrever os fatores que contribuem para a problemática evasão na EJA; c) Analisar os fatores que contribuem para a evasão escolar na EJA na escola Maria Urbana da Silva.

A EJA por ser uma modalidade pensada exclusivamente para alunos que não tiveram chance de se alfabetizar na idade certa, além de ser jovens e adultos buscam uma formação que lhe qualifique, por isso deve ser vista como as outras modalidades. Deste modo o que ressalto é simplesmente o fato da evasão escolar ocorrer mais na EJA, por isso a necessidade de se fazer uma pesquisa nesse campo educacional. [...] Não priorizar a Educação de Jovens e Adultos é penalizar duplamente os analfabetos. A EJA, não é uma questão de solidariedade, é uma questão de direito. (GADOTI, apud, SILVA e ROCILÉIA, 2005).

A temática Educação de Jovens e Adultos ao longo do tempo vem sendo tratada como secundária, por isso, a presente pesquisa tem como foco central investigar os fatores que contribuem para a evasão na EJA, na Escola Maria Urbana da Silva, em Vila Timboteua, que é muito frequente entre os jovens e adultos. Os possíveis fatores são: Preconceito das pessoas em relação a idade dos alunos, vergonha do próprio aluno por ter uma idade mais avançada, cansaço por trabalhar

o dia no pesado na roça, na extração do açaí, que é fruto dessa região, e por muitas vezes encontrar uma aula monótona, pois os professores por uma série de razões têm dificuldade de trabalhar de forma dinâmica. Mas não se pode ignorar a bagagem de conhecimento empírico que esses jovens adultos trazem de seu cotidiano para acrescentar o conhecimento da escola.

para Freire (1996) o saber fundamental para o exercício da função se expressa que na mudança é difícil, mas é possível, por isso se recusa qualquer posição fatalista que às vezes é um fator condicionante, às vezes, nada se pode mudar.

O caminho metodológico trilhado consistiu na realização de uma pesquisa de campo. Que segundo Furastê (2008), busca conhecer aspectos importantes e peculiares do comportamento humano em sociedade. Envolve estudo de satisfação, de interesses, de opinião de pessoas ou grupo de pessoas sobre aspectos de uma realidade. A mesma foi realizada na Escola Maria Urbana da Silva em Vila Timboteua Pará (que veremos a seguir) especificamente na turma da 4ª etapa, foram sujeitos da pesquisa 4 alunos (Paula, Patrícia, André e Simão) que representam 20% do total da EJA, além da aplicação de 20 (vinte) questionários, exclusivamente na 4ª etapa, com intuito de verificar as causas de evasão escolar.

Portanto, para realizar essa pesquisa foi utilizada a técnica de entrevista semiestruturada. Segundo Guerra (2014) o roteiro pode possuir até perguntas fechadas, geralmente de identificação ou classificação, mas, no caso deste estudo foi utilizado principalmente perguntas abertas, dando ao entrevistado a possibilidade de falar mais livremente sobre o termo proposto.

Além de usar as entrevistas, foi utilizado um outro instrumento que auxiliou na pesquisa que é justamente o questionário, pois, a intenção é ter um conhecimento geral dos sujeitos da pesquisa que são os alunos da EJA.

Sobre a área física da pesquisa, trata-se da escola, Maria Urbana da Silva localizada no Município de Nova Timboteua, um Município do nordeste paraense que na língua dos índios significa (timbó em abundância) Pará. A mesma fica em Vila Timboteua, uma agrovila com aproximadamente 1200 habitantes, à beira da PA 324, próximo ao terminalzinho e da praça local.

A referida escola é de porte médio, tem 5 salas, funciona nos três turnos (manhã, tarde e noite), com 12 (doze) turmas, sendo três 6º e 7º anos, dois 8º e 9º

anos, e duas turmas da EJA que compreendem 15% dos alunos da escola, que localiza-se próxima a praça e a PA 324.

No entanto, após ter aplicado os instrumentos de pesquisa foi iniciado o processo de transcrição, organização e análise. Assim, a pesquisa teve como objetivo identificar os fatores que contribuem para a evasão, e através dos resultados obtidos, pensar em uma política educacional para jovens e adultos e que possa construir melhores oportunidades para os mesmos e a partir de incentivos eles possam refletir que são sujeitos históricos e culturais.

Portanto, adotou-se o tipo de abordagem qualitativa. A pesquisa qualitativa para Minayo (2008), pressupõe que o pesquisador fará uma abordagem empírica de seu objeto. Para tal, ele parte de um marco teórico-metodológico preestabelecido, para em seguida preparar seus instrumentos de coleta de dados, que se bem elaborados e bem aplicados fornecerão uma riqueza ímpar ao pesquisador. De posse desses dados, resta analisá-los a partir de suas categorias analíticas, e assim proceder a uma discussão dos resultados de sua pesquisa.

Entretanto, de acordo com Minayo (2008), os métodos quantitativos têm objetivo de mostrar dados, indicadores e tendências observáveis, ou produzir modelos teóricos abstratos com elevada aplicabilidade prática. Suas investigações evidenciam a regularidade dos fenômenos.

O texto, resultado da pesquisa realizada, está dividido da seguinte maneira: introdução onde se apresenta o problema, objetivos e metodologia da pesquisa; a primeira seção que será percorrida sobre conceito de educação, a educação de jovens e adulto, a evasão na EJA, e a educação da EJA no espaço rural; a segunda seção irá mostrar o caminho trilhado pela pesquisa, os processos de interpretação de dados e os métodos de pesquisa utilizados. E, as considerações finais que aborda resumidamente os resultados da pesquisa.

2 A INTERFACE ENTRE EDUCAÇÃO E “EVASÃO” ESCOLAR.

Essa seção procura demonstrar que a educação é um processo social que leva o ser humano a entender e a se ver como um ser cultural. Inicia conceituando o que é educação, a educação de jovens e adultos e o processo de “evasão”. Os meios de aprendizagem visto nas escolas por um sistema universal, incentivam a pessoa a ter um conhecimento sistematizado, mas, possivelmente devido os problemas sociais e familiares, muitas pessoas jovens e adultos chegam a deixar os estudos e optam por fazer outras atividades que sejam remuneradas.

2.1 O Conceito de Educação

A educação é um processo natural que envolve vários aspectos da sociedade, todo e qualquer ser humano tem a capacidade de educar, desde o início da humanidade os povos educam e se educam.

Assim, em nossa sociedade há os diversos tipos de educação, o sistemático que é aquele imposto pelo sistema, há o familiar que deve ser o primeiro, que é justamente onde o sujeito aprende os valores éticos e morais, há o empírico onde o ser humano aprende com as experiências do cotidiano. Enfim, vivemos em um país onde o como se aprende é diversificado.

Para Brandão (2007) existe a educação para cada categoria de sujeitos de um povo; ela existe em cada um, ou entre pessoas que se encontram. Existe entre povos que muitas vezes dominam outros, povos, visando o processo educacional como um recurso a mais para a sua dominação. Da família à comunidade a educação existe implícita em todos os mundos sociais, entre as diversas e variáveis práticas dos mistérios do aprender; primeiro sem classes de aluno, no seu dia a dia, sem livros e sem professores especialistas; mais adiante com escola, salas, professores e métodos pedagógicos. Assim,

Ninguém escapa da educação. Ela está em todo lugar, em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um jeito ou de muitos, todos nós somos pedaço da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educação. E já que pelo menos por isso sempre achamos que temos alguma coisa a dizer sobre educação que nos invade a vida. (BRANDÃO, 2007, p. 7-8).

A educação proposta a cada um de nós, é de fato parte das pessoas, pois, a mesma está em todo lugar, quando aprendemos ou ensinamos. Faz parte de nosso cotidiano, de nossa vida social, política, e educacional.

Para adentrar no tema evasão escolar, é preciso focar nos fatos históricos da educação brasileira, que desde o início, com os jesuítas, vem perpassando por oscilações em diversas épocas, e teve seus avanços e retrocessos.

A educação abrange os diversos tipos de conhecimentos, o intelectual, profissional, social e cultural, mas, devida as condições sociais criada pela sociedade na época do descobrimento do Brasil, muitos não tiveram acesso ao ensino sistematizado e por isso sempre estiveram à margem da sociedade.

Sabemos que há diversos tipos de educação presentes nas sociedades contemporânea, por isso é relevante citar dois tipos mais comuns, a sistematizada, aquela que adquirimos nas escolas ou espaços educativos e aquela que adquirimos no cotidiano através da empiria. Portanto, o sistemático é aquele que necessita de docentes qualificados e planejamentos pedagógicos, enquanto, o empírico, é aquele que adquirimos no cotidiano, na família, na sociedade, através das experiências.

Em relação a isso Brandão (2007) nos fala que, existe a educação quando o pai manda o filho a polir a ponta da flexa ou quando ensina o filho a caçar, e o ensino formal é o momento em que a educação se sujeita a pedagogia, produz os métodos e estabelece as regras.

O histórico da educação escolar no Brasil, iniciou-se com os Jesuítas ou do início da ideologia da interdição do corpo (1549-1759) uma educação voltada para a catequese dos indígenas como meio de tornar um povo dócil.

Segundo Freire (1993), o período Pombalino que vai de (1759-1808) marquês de Pombal expulsa os Jesuítas para que Portugal dê um novo passo para o mercantilismo e a industrialização capitalista, além dele criar na área educacional, a real mesa censória, de 6 de novembro de 1772, para cuidar dos negócios da educação.

No ano de (1808-1822) o período Joanino ou da educação escolar como necessidade deste. Com o estabelecimento do Rio de Janeiro, houve a preocupação com o ensino para preparar as pessoas para servirem os novos habitantes da nova sede do reino, ou seja, sempre há a necessidade de serviços qualificados. (Freire 1993).

Filho (2005) afirma que a educação se intensifica mais no Brasil, nos anos (1930-1960) com a era Vargas e que os historiadores classificam em duas fases: a 2ª república que vai de (1930-1937) e a 3ª república que vai de (1937-1945) e foi justamente na segunda república que foi criado o Ministério da Educação e Saúde Pública, reforma do ensino secundário e do ensino superior, e a constituição federal de 1934. Portanto em relação ao ensino secundário afirma-se:

[...] a finalidade do ensino secundário é, de fato, mais ampla do que a que se costuma atribuir-lhe. Via de regra, o ensino secundário tem sido considerado entre nós como um simples instrumento de preparações dos candidatos ao ensino superior, desprezando-se, assim, a sua função eminentemente educativa que consiste, precisamente, no desenvolvimento das faculdades de apreciação, de juízo, de critério, essências a todos os ramos da atividade humana, e, principalmente, no treino da inteligência em colocar os problemas nos seus termos exatos e procurar as suas soluções adequadas (CAMPOS, 1931, p.3).

Assim, o ensino secundário, neste período, não era simplesmente só para preparar o aluno para o ensino superior, mas, desenvolver nele um senso crítico para se impor em uma sociedade de mudanças.

Para Ferreira e Bittar (2008), o ano de 1964, representou para nós brasileiros a mudança institucional mais grave, pois, os governos militares adotaram um movimento de duplo sentido para acelerar a modernização e o capitalismo. Assim, a educação no período da ditadura militar foi usada como um instrumento que estava a serviço da racionalidade e do pensamento tecnocrático.

A educação quase sempre foi organizada para os aspectos políticos e capitalistas. segundo, Ferreira e Bitar (2008, p.336) “os traços mais expressivos da microeconomia criado pelo modelo de modernização das relações capitalistas, durante a ditadura militar, não foram modificados, apesar das mudanças que ocorreram na economia mundial depois de 1974. Dessa maneira, o modelo econômico implementado foi estruturado com base em alguns termos: política de arrocho salarial, ou seja, diminuição do salário, política cambial e outros.

No período militar, havia o sistema de educação tecnocrata, que era o ensino técnico, ou tecnicista, várias reformas ocorreram nesse período, especificamente em 1971, entre elas: projeto “Brasil, o país do futuro”, reformas na Educação básica,

além de implementar novas tecnologias para o desenvolvimento do país. (FERREIRA E BITTAR, 2008, p.340).

Desde o período citado anteriormente, o processo de formação humana institucionalizado, tem avançado, várias reformas foram feitas com o intuito de criar possibilidade de formação de pessoas para os diversos espaços sociais, a educação não deixou de ser um interesse capitalista, mas, também passou a ser interesse social e cultural.

Com a criação do Plano Nacional de Educação (PNE) várias metas foram propostas para melhorar a qualidade do ensino no Brasil, tanto no aspecto pedagógico como também estrutural. Porém, sabemos que ainda é um campo em disputa em que muitas políticas educacionais foram criadas para melhorar o sistema educacional no país.

Nas primeiras décadas deste século, políticos e educadores liberais trouxeram ideias novas para a educação no país. Entre outras coisas eles começaram a falar de uma escola mais dirigida a vida de todo dia e mais estendida a todos as pessoas, ricas ou pobres. A “luta pela democratização do ensino” resultou na escola pública. Resultou no conhecimento político do direito de estudar.(BRANDÃO, 2007, p.87).

É direito do ser humano, de buscar o conhecimento para se inserir na sociedade e exercer uma profissão, para isso o trabalhador precisa ser qualificado para atuar em qualquer área específica. Nesse sentido, políticas educacionais foram criadas para a melhor inserção das pessoas no mundo do trabalho.

2. 2 A Educação de Jovens e Adultos

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil, também teve avanços e retrocessos, por ser uma modalidade pensada para os jovens e adultos que não tiveram acesso a educação na idade certa muitas vezes é tratada como secundária, ou seja, não tem o investimento necessário para atingir devidamente o público que mais precisa.

A EJA, surge de lacunas que vem desde o ensino regular, por ser um público diferenciado e com muita dificuldade que busca muitas vezes se profissionalizar, e ampliar seu conhecimento básico. Assim, hoje a nomenclatura Educação é diferente

de ensino, que é o aprendizado do conteúdo, de uma disciplina, enquanto educação abrange todo o universo da formação humana, no cultural, social, político etc.

Muitos destes processos se desenvolvem de modo mais ou menos sistemáticos fora de ambientes escolares, realizando-se na família, nos locais de trabalho, nos espaços de convívio socioculturais e lazer, nas instituições religiosas e, nos dias atuais, também com o concurso dos meios de informação e comunicação a distância. (HADDAD; DIPIERRO, 2000, p.4).

A formação humana, foi sempre um direito de todo homem e de toda mulher, assim, podemos dizer que, a educação seja ela formal ou informal, deve ser uma busca do próprio sujeito. Sabemos que na família, na igreja, ou em outros espaços, a aprendizagem é constante, mas, não podemos negar que há a necessidade de uma aprendizagem sistemática, que muitos jovens e adultos ficaram de fora dela, por isso foi criada a EJA.

Essa modalidade surge em 1967, com o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) que recrutou, ou seja, chamou várias pessoas não formadas para exercer a docência, com o intuito de fazer as pessoas “analfabetas”, sem letramento, ler e escrever, e assim poderem avançar em seus estudos.

Durante a década de 1970, segundo Cunha (1999) houve a expansão do MOBRAL, tanto do ponto de vista territorial, quanto do ponto de vista de continuidade de estudos através da “Educação Integrada” (conclusão do antigo primário), para os recém-analfabetos e para os analfabetos funcionais que usavam precariamente a leitura e a escrita. Dava-se o início a uma preocupação externa de como essa modalidade poderia ser vista em outros países.

No ano de 1985, o MOBRAL, é instituído e surge a fundação EDUCAR, com as mesmas características, porém com pouco suporte financeiro, que supostamente dificultava sua divulgação e expansão. Com a não expansão dessa modalidade que precisava ser vista como as outras, ela ficou estagnada, um pouco esquecida.

[...] assim, para produzir uma ação educativa com qualidade, é necessário reconhecer a alfabetização como parte do ensino fundamental, não podendo ser tratada de forma estagnada, sob o risco de provocar a falsa ilusão de que por meio de ações aligeiradas, fragmentadas e sem continuidades, programas e projetos educacionais podem ter sucesso. (FARIA, 2009.P.25).

Assim, a EJA, nos anos 1990, foi marcada pela revitalização nos planos culturais, e estruturais com o implante de ensino supletivo para Educação de Jovens e Adultos, novas formações para docentes, melhores estruturações de espaços físicos com condições necessárias para uma boa aprendizagem.

Deste modo, os direitos educacionais da EJA, ainda são vistos como oportuno para escolarizar esses discentes, ou seja, uma política de continuidade de sua formação, já que os mesmos não tiveram acesso ou dele se evadiram. Assim, só teremos uma nova configuração se os direitos desses jovens e adultos, forem vistos por uma nova ótica moral, e ética, que levem em consideração os direitos sociais, histórico e culturais.

Deste modo, podemos dizer que os jovens e adultos não são sujeitos negativos da educação, e sim pessoas com direitos educacionais garantidos em lei. A Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9393/ 1996, em seu artigo 37, deixa claro que “ a educação de jovens e adultos será destinada aqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria. Portanto, a constituição em seu artigo 208 afirma que: “o dever do estado com a educação será efetivado mediante a garantia de : I – “ensino fundamental obrigatório e gratuito, assegurado inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiverem acesso na idade própria”.

As políticas criadas para a contensão da EJA, foram efetivadas mais a partir da década de 1990. A CONFINTEA de 2009, destaca um conjunto de heterogeneidade dos sujeitos que envolvem as situações sociais em relação a sua cultura, e a sua diversidade.

No Plano Nacional de Educação em direitos humanos (PNEDH), 2003, a educação básica é mencionada como um primeiro momento do processo educativo ao longo da vida, constituindo-se em um direito social inalienável da pessoa humana e dos grupos socioculturais, entre os quais os jovens e adultos. (OLIVEIRA, 2015, p.35) .

Assim, os direitos dos jovens e adultos no Brasil é mencionado em vários documentos, porém, muita vezes não é dada a condição necessária para que os mesmos concluam as séries na idade certa. Muitos desses direitos impostos por lei, não são cumpridos.

[...] uma das tarefas mais importantes da prática educativa-crítica é propiciar condições para que os educandos em suas relações sejam

levados á experiências de assumir-se. Como ser social e histórico, ser pensante, transformador, criador, capaz de ter raiva porque capaz de amar. (FREIRE, P. 1996).

Ao longo de muitos anos a EJA, vem se arrastando para sua consolidação, apesar de as oportunidades para os pobres e marginalizados, melhorarem, muitos ainda vivem oprimidos por falta de políticas públicas educacionais

A pedagogia da opressão impõe o silêncio, retira o direito do oprimido, do sujeito jovem e adulto, dizer a sua palavra. A ação dialógica tida como condição fundamental, forma nova de estar sendo, gerada na afirmação permanente do direito de dizer a sua palavra, criando, reinventando, com liberdade. (FREIRE,1987, p.167).

Deste modo, muitos aspectos implícitos de uma pedagogia não dialógica, retira, e não estimula os discentes a se expressarem, a se imporem, falando de seu dia a dia, colocando em prática o conhecimento obtido na escola com a realidade de seu cotidiano. Muitas vezes, as metodologias aplicadas pelos professores não se adequam ou dificultam a aprendizagem dos alunos da EJA.

É aconselhável que as propostas metodológicas para a EJA não sejam desvinculadas das propostas para todas as modalidades de ensino, porém, para esta, deve-se criar artifícios de um método mais dinâmico de aprendizagem, que possa assegurar esses jovens e adultos por mais tempo na escola.

A educação de jovens e adultos torna-se mais que um direito, é a chave para o século XXI, mas é preciso que docentes estejam preparados pedagogicamente para exercerem seu magistério, além de estruturas físicas escolar que dê suporte para o professor, para que juntos discentes e docentes possam construir uma boa aprendizagem.

Assim, para Faria (2009), é fundamental que o professor da EJA esteja embasado e preparado teóricamente no sentido de favorecer e proporcionar o diálogo aberto visando a produção e reprodução da utilização das múltiplas linguagens, das expressões, dos sentimentos, e conhecimentos históricos, sociais, científicos e tecnológicos, sem perder de vista a importância da relação interativa e mediadora, como finalidade básica para a sua compreensão e prática pedagógica.

O professor exerce um papel fundamental na aprendizagem dos jovens e adultos, pelo fato de ter a mística de ensinar, mas ao mesmo tempo tem o propósito prioritário de educar, de cuidar, além é claro de muitas vezes de lhe dar com o lado

afetivo dos alunos. Exige-se desse profissional o exercício de práticas diversas, em relação ao conhecimento escolar e ao conhecimento empírico.

A modalidade EJA, sempre visou a preparação do aluno-trabalhador, pois este sempre teve a necessidade de se qualificar, para exercer melhor uma função, e se preparar para as novas tecnologias do mundo globalizado. Hoje aquele que não estiver preparado fica de fora do processo do mercado de trabalho, cada vez mais exigente.

Desta modo, além de buscar a qualificação, essa modalidade foi criada para reparar algo que deixaram de fazer a muito tempo, pois, houve a necessidade de se criar políticas de contenção para que todas as faixas etárias fossem contempladas e não ficassem de fora dos processos educacionais.

Sabemos que a sociedade estar em constante transformação, é preciso que os jovens e adultos acompanhem essas alterações, por isso a educação tem um papel fundamental que é de, prepará-los para o futuro.

[...] atualmente não basta visar a capacitação dos alunos para futuras habilitações nas especializações tradicionais. Trata-se de ter em vista a formação dos alunos para o desenvolvimento de suas capacidades, em função de novos saberes que se produzem e que demandam um novo tipo de profissional que trabalhe com a finalidade de desenvolver o educando; assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania, fornecendo meios para progredir no trabalho e em estudo posteriores, como estipula o disposto no artigo 22 da LDB 9394/96. (FARIA, 2009, p.24)

Esses saberes que trata a citação são fundamentais para uma perspectiva de futuro, devem ser inseridos na formação desses jovens e adultos para que as oportunidades sejam iguais para todos. Mas, é preciso trabalhar uma metodologia que abranja os diversos tipos de formação, pois sabemos que a sociedade é múltipla e complexa em relação as profissões e aos profissionais que ela quer formar.

Durante algumas décadas, desde que foi criada essa modalidade, EJA, várias políticas de contenção foram formuladas para que muitas pessoas saíssem do analfabetismo, e tivessem oportunidades no mercado de trabalho, através de uma formação. Assim, é preciso que os jovens e adultos comecem a ter percepções de mundo, de sociedade, que eles aprendam não somente a ler e escrever, mas sonhar e se reinventar como ser humano que tem cultura, que é um ser histórico e social.

3 A “EVASÃO” NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DO ESPAÇO RURAL

3.1 O termo “evasão”

A ideia da “evasão” esbarra em uma questão polêmica, pois não podemos omitir que a falta de responsabilidade do estado é crucial para que ocorra este fenômeno. Para Paiva (2015) é preciso dar voz para esses jovens e adultos para que os mesmos digam porque saíram da escola básica, o que a escola precisa melhorar para que eles possam aprender realmente o que eles gostam.

Segundo Arroyo (2002), a Educação de Jovens e Adultos precisa ser uma educação específica e diferenciada, isto é, alternativas. Mas sobre tudo deve ser educação no sentido amplo do processo de formação humana. Assim deve-se valorizar a EJA, pois o público alvo que são jovens e adultos tem a capacidade de aprendizagem.

Para Ramofly (2002), a educação de jovens e adultos no Brasil não pode se separar das outras modalidades de educação e de suas trajetórias, pois, suas histórias de vida, identidades, memórias, formação política e ideológica, estão enraizadas na cultura das pessoas. Outro autor que traz essa discussão é Paulo Freire como uma pedagogia libertadora, autônoma, pelo qual o docente e discente possam ter autonomia do que ensinar e do que aprender.

Segundo Freire (1987), O fato de serem excluídos da escola os coloca à margem do mercado de trabalho pela sua condição de não escolarizado e, também, pertencente a determinados grupos culturais com singularidade marcante. Podemos perceber que sempre, pelo fato de os pobres não terem uma boa formação foram ficando de fora do mercado de trabalho e muitas vezes seus direitos negados.

Segundo o dicionário Aurélio, é o ato de evadir-se; fuga, escapismo. Que no âmbito escolar, ocorre por fatores intra e extraescolar.

A evasão escolar na EJA, não é um problema só da escola em análise, mas de tantas outras escolas que sofrem por falta de professores qualificados, falta de estruturas, e currículo adequado para essa modalidade.

[...] o problema da evasão e da repetência escolar no país tem sido um dos maiores desafios enfrentados pelas redes do ensino público, pois as causas e consequências estão ligados a muitos fatores como social, cultural, político e econômico, como também a escola onde

professores tem contribuído a cada dia para o problema se agravar, diante de uma prática didática ultrapassada. (AZEVEDO, 2011, p.05).

Sendo que evasão escolar é o abandono da escola antes da conclusão de uma série ou de um determinado nível em uma modalidade de ensino, veremos que esse número é mais evidente na EJA pelo fato das aulas serem noturnas e os alunos serem oriundos de outros anos.

Os possíveis fatores da evasão são: Preconceito das pessoas em relação a idade dos alunos, vergonha do próprio aluno por ter uma idade mais avançada, cansaço por trabalhar o dia no pesado na roça, na extração do açaí, que é fruto dessa região, e por muitas vezes encontrar uma aula monótona, pois os professores por uma série de razões têm dificuldade de trabalhar de forma dinâmica. Mas não se pode ignorar a bagagem e o conhecimento empírico que esses jovens adultos trazem de seu cotidiano para acrescentar o conhecimento da escola.

Entretanto, quando surgiu a modalidade de ensino a noite, com o intuito de estimular jovens e adultos a continuarem o estudo, foi uma alternativa para aqueles que já não acreditavam continuar os estudos, mas sabemos que as dificuldades enfrentadas por esses discentes são inúmeras; trabalho pesado na agricultura, extrativismo, filhos pequenos, dificuldades de se relacionarem com os colegas e professores, entre outros.

Nesse sentido, Campos (2003), nos diz que a evasão escolar na EJA, é como um abandono por tempo determinado ou não. Diversas razões de ordem social, religiosa, e, principalmente, econômica concorrem para a evasão escolar dentro da EJA, transpondo da fronteira da sala de aula e indo além dos muros da escola.

Sabemos que diversos fatores influenciam a evasão, mas, o apoio do Estado e da família é crucial no processo de formação do sujeito. Assim, a Lei de Diretrizes e Bases – LDB, Art. 2º: A educação, dever da família e do estado, inspirada nos princípios de liberdade ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Considerando que vivemos em uma sociedade que está em constante transformações, que o Brasil é tido como um país em desenvolvimento econômico e social, estar sujeito as mudanças educacionais, os jovens precisam de informações e conhecimento que ajudem a enfrentar o problema de acesso e permanência na

escola. Percebemos que a evasão escolar é um problema que afeta o desenvolvimento de todo o país, pois para um país se desenvolver precisa ter pessoas qualificadas para a vida econômica, social e cultural. Nesse cenário de alto índice de evasão, entende-se que manter o aluno na escola é essencial, que a educação é um bem valioso para ter acesso ao conhecimento e crianças e jovens deverão se apropriar desse conhecimento para o desenvolvimento de suas habilidades como ser humano. (ROSA E BEZERRA, 2012, p.07)

Para que haja esse desenvolvimento, a sociedade precisa estimular esses jovens e adultos a buscarem essas formações que são necessárias para que o país se desenvolva, mas, devido alguns impasses que possivelmente são; trabalho doméstico, saúde, falta de incentivo, filhos pequenos, muitos chegam a evadir.

Ainda, para Rosa e Bezerra (2012) a evasão, muitas vezes, é ocasionada pelo fato que alunos não conseguem conciliar o que se faz e o que se aprende, as vezes é falta de interesse pela escola pelo estudo e dificuldade de acesso à mesma. Em várias pesquisas esses são os principais motivos da desistência de jovens e adultos em relação aos estudos. Para as autoras, a EJA é frequentada por jovens e adultos que não tem uma boa base econômica, que muitas vezes já constituíram família, e que são advindos em sua maioria da classe baixa. Decorre desse fato a necessidade de trabalhar para sobreviver e sustentar a família.

Os possíveis fatores de evasão na EJA citado acima, mostram que essa modalidade de ensino deve ser pensada, não somente em dar oportunidade para os jovens e adultos, mas ver essas dificuldades encontradas por eles em seu dia a dia e criar novas estratégias para que possa diminuir o fenômeno “evasão”.

Assim, por alguns anos, esses fatores vem se agravando cada vez mais, devido as inúmeras dificuldades, muitas vezes a falta de estímulo dos familiares, a decepção por não conseguir um emprego, isso afasta o aluno da escola.

Um outro fator que segundo Peres (2016), vem contribuindo para a evasão na EJA, é justamente a exclusão do aluno adulto, pois, ainda se usa os modos de educação tradicional, que impede o sujeito de refletir, construir uma consciência crítica para a emancipação do sujeito.

Essa exclusão, não estar presente somente na modalidade EJA, mas em todas, principalmente nas escolas das periferias, nos lugares afastados. Porém na EJA, esse fator é mais visível e provoca um dano muitas vezes irreversível na vida do aluno adulto.

Além de se tornar um grande desafio hoje, a evasão na EJA, há algum tempo vem preocupando docentes e gestores, por isso deve-se dar uma atenção especial a essa modalidade, para que haja a minimização desse fenômeno, infelizmente presente em várias instituições educacionais em nosso país.

Para Rosa e Bezerra (2012) a evasão escolar é um tema bastante expressivo em relação ao aluno, no meio em que o mesmo pertence, é um fracasso produzido em seu cotidiano por vários fatores do sistema educacional. Assim, estudos abordam o fracasso e a evasão escolar e indicam de modo mais amplo que a necessidade de exercer uma função trabalhista ainda é uma das maiores barreiras que dificultam para que os jovens e adultos, continuem sua caminhada estudantil.

Fatores como o tempo de afastamento da escola, a jornada diária de trabalho, questões socioeconômico, dificuldades com o conteúdos trabalhados, baixa autoestima, falta de motivação por parte dos professores, carência de laboratórios específicos para aulas práticas, entre outros, elevaram os índices de evasão. (FERNANDES, 2010, p.81)

Todavia, podemos dizer que no Brasil, principalmente nas áreas rurais, não há uma estrutura adequada para que haja uma qualificação no ensino, apesar de os docentes criarem possibilidades para desenvolverem uma boa metodologia, esbarram na falta de estruturas físicas nas instituições educacionais.

Percebe-se que o ingresso de todo e qualquer ser humano, na escola ou pré-escola, é obrigatório, mas nem todos têm o privilégio de iniciar sua vida estudantil ainda com 03 (três) ou 04 (quatro) anos, uma vez que os educandos não compartilham da mesma condição financeira, decorre dessa questão a desigualdade que faz com que alguns sujeitos, retardem seu processo de formação educativo.

Assim, todos os fatores que levam a desigualdade, assolam ainda mais a desistência de alunos que querem buscar uma qualificação para se tornar mais competitivo em relação ao mercado de trabalho. As oportunidades não são iguais, e possivelmente esse seja um dos empecilhos que leve os jovens e adultos a optarem por outro caminho, deixando de estudar.

Deste modo, vale ressaltar que a problemática discutida neste trabalho, leva a uma reflexão de não responsabilizar somente alunos e professores como responsáveis por tal fenômeno, mas entender que a evasão na EJA deve ser amenizada ou solucionada com urgência para que os nossos jovens possam avançar em seus estudos posteriores.

3.2 A Eja no espaço rural

A educação do campo no Brasil se diferencia das demais pelo fato de ter suas especificidades na cultura, na história e em seu espaço geográfico que muitas vezes dificulta a organização de um currículo educativo comum à todos, sendo que as metodologias aplicadas no campo são adequadas a cada região e a cada grupo de sujeitos.

A educação no espaço rural no Brasil é caracterizada muitas vezes pelo abandono, pois muitas escolas nesses espaços estão sendo fechadas por falta de compromisso dos poderes públicos em investir para a manutenção de formação dos sujeitos do campo.

Assim, os desafios hoje na educação tanto no espaço rural quanto a urbana, são diversos, pois, há várias metas a serem alcançadas, por isso o esforço em conjunto se faz necessário para que haja um sistema de ensino autônomo e universal.

Em relação a isto, Santos e Sousa (2012), nos dizem que a educação no espaço rural é compreendida como uma modalidade de ensino usada para atender aos povos que vivem no campo, com suas especificidades, atendendo todos os níveis e modalidade da educação, inclusive a EJA, sendo esta uma modalidade pensada para atender principalmente os Jovens e Adultos.

Considera-se que os alunos que vivem no campo não podem ser destituídos de seus direitos educacionais, nem tampouco visto como uma modalidade inferior em relação a educação urbana. O campo não é uma área isolada, e sim um universo diversificado que compõe o território nacional em sua total autenticidade.

Segundo Passos (2006) no caso da educação de jovens e adultos do campo é fundamental compreendê-la como um lugar totalmente integrado ao conjunto da sociedade brasileira e ao contexto atual das relações internacionais. Não podemos dizer, portanto, a existência de um lugar isolado, autônomo, em relação ao conjunto

da sociedade, e que tenha uma lógica inclusiva de funcionamento e reprodução. Porém, o campo mantém particularidade históricas, sociais, culturais, ecológicas, que os diferenciam. Desse modo, o campo é um espaço rico e diverso, que tem suas particularidades e, ao mesmo tempo, é produto de cultura que constitui em espaço de criação do novo e do criativo.

Em relação a essas particularidades, os jovens e adultos do campo trazem para o ambiente escolar suas experiências do cotidiano em relação a natureza, suas atividades, culturas e utopia, de uma perspectiva melhor de vida.

Assim, para Passos, (2006), a educação do adulto deve envolver todo processo de aprendizagem formal ou informal, onde pessoas que a sociedade considera como “adultas” desenvolvem suas habilidades, enriquecem seu conhecimento e aperfeiçoam suas qualidades técnicas e profissionais, indo em direção para a satisfação de suas necessidades e as de sua sociedade. A educação de adultos inclui a educação formal, a educação não-formal e o modo da aprendizagem informal e incidental disponíveis numa sociedade multicultural, onde os aprendizados baseados na teoria e na prática devem ser reconhecidos e valorizados.

Todo o processo de formação do ser humano em relação a uma sociedade multicultural, envolve o aspecto formal e informal, sendo que ambos são fundamentais para o conhecimento científico ou empírico dos jovens e adultos. A educação no campo é visada mais pela falta de estrutura física. No entanto, outros aspectos também são cruciais, muitas prefeituras tentam reduzir gastos, e por isso investem menos nessa modalidade de ensino e assim muitos alunos são penalizados.

Mas qual tipo de escola pública oferecida á população camponesa? É uma escola relegada ao abandono, denominada, pejorativamente, de escola isolada. É uma escola que inexiste quando as prefeituras adotam uma politica de redução dos custos, trazendo as crianças para estudar na cidade, em cima de caminhões de gado ou em combis, em estrada precária, com horas de viagem. Além de excluir as crianças do campo, separando-as em salas diferentes, elas devem assumir os valores da cidade, pois senão são chamados de atrasado pelos colegas ou pelos próprios professores. (NASCIMENTO, 2006, p.07)

A escola nas áreas rurais por vezes sofre com o abandono, com a falta de investimento adequado, mas deve-se levar em consideração os direitos desses

sujeitos em relação aos seus valores morais, éticos e culturais que muitas vezes são desvalorizados pelos alunos da área urbana e até mesmo por alguns docentes.

Por muito tempo o processo educativo vem se diferenciando e criando barreiras muitas vezes preconceituosas entre a educação urbana e a rural. Isso fica óbvio quando, na prática, queremos exercer nosso direito enquanto educação de igualdade. Nesse sentido, a aprendizagem nasce da interação com o outro e não propriamente do sistema escolar.

Para Soligo (2010), a aprendizagem não é mérito somente das ações pedagógicas especialmente planejadas: a partir do nascimento de todo e qualquer ser humano, ali ele começa a aprender tanto o que lhe é ensinado de forma intencional como o que pode aprender pelo simples fato de estar vivo, convivendo com outras pessoas em vários momentos e em vários ambientes sociais diversificados. Muitas coisas que sabemos não aprendemos somente formalmente, mas em diversos lugares nos foi ensinado.

A educação é um processo diversificado e o ser humano aprende através da interação com o outro ou no espaço em que vive, e principalmente, o mesmo aprende com a família os valores que lhe são passados.

Assim, para Santos e Sousa (2012), a educação no espaço rural é resultado de um processo que envolve todos, é tenso e contraditório, no qual a política pública é vista a partir de uma concepção dialética e de categoria da contradição. E se resulta da capacidade de a sociedade, principalmente por meio dos movimentos sociais, impor ao estado as condições para a efetivação dos seus direitos por meio do processo da luta das classes sociais que visam os seus direitos.

Dessa forma, as políticas públicas criadas para a educação, muitas vezes não contemplava igualmente a zona rural, mas devido o esforço de grupos sociais esse quadro está mudando, graças as discursões dos movimentos sociais empenhados por uma educação igualitária, e pedagogias renovadas.

As políticas criadas para a educação no espaço rural sempre foram resultados de muito diálogo, propostas, luta dos grupos sociais e sindicatos, que visam uma melhor educação para todos, principalmente os povos que vivem no campo que as vezes são esquecidos.

Segundo Nascimento (2006, p.02), o ensino no espaço rural sempre foi um projeto de renovação pedagógica. Caracteriza-se por falar através dos gestos, e símbolos (rituais, músicas, danças e teatros) e por isso tem linguagem própria da

cultura camponesa, contrapondo-se, assim, aos atuais modelos educativos com matrizes pedagógicas esquecidas pela imposição da pedagogia de fala, da transmissão, do discurso do mestre para alunos.

A cultura educacional camponesa e diversificada não se diferencia tanto da urbana, mas a cultura da fala, dos símbolos, das danças e dos rituais requer múltiplos métodos pedagógicos renovados para atender os discentes residentes no campo.

Quando se utiliza somente os métodos pedagógicos que vem imposto por um modelo urbano, deixa-se de contemplar aquilo que o campo tem de melhor, que são suas diversidades culturais como a dança, as músicas referente a cada região e os rituais às vezes religiosos, ou seja, todos esses símbolos enriquecem a cultura rural e também a urbana.

O território brasileiro é muito extenso, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) abrange uma área territorial de 8.515.759,090 km², e uma grande parte desse território é espaço rural, e nesse espaço vivem milhões de pessoas que têm culturas diferentes. Porém, a educação no espaço rural deve ser vista com um olhar igualitário onde possam ser vistos os potenciais de cada sujeito, em relação a sua sabedoria e aquilo que eles podem produzir através de sua força física, ou seja, o trabalho que o mesmo exerce em seu dia a dia que é fundamental para a consolidação da cidadania.

Todavia, podemos dizer que os territórios rurais além de ser um espaço diversificado pela sua formação geográfica é também diferente pelos diversos povos que a compõem. Dentre esses, estão: ribeirinhos, indígenas, quilombolas, assentados entre outros, cada um desses povos têm sua cultura e costumes diferentes, mas todos têm o direito de se escolarizar e de ter uma formação sistematizada.

Assim, os meios educativos sempre demoram a se consolidar no campo, pelo fato de ter várias dificuldades. Portanto, segundo Leite (1999) a educação no espaço rural no Brasil, por inúmeros motivos, dentre eles sócio culturais, sempre foi vista e resumida a planos inferiores e teve como foco central a ideologia da elite que estava sempre acentuada no processo educacional que foi instalada aqui pelos jesuítas e teve uma interpretação política e ideológica agrária, conhecida como “gente da roça não carece de estudo. Isso é coisa de gente da cidade”.

Desta forma, são usadas várias expressões para demonstrar que o território campesino é visto como um local onde as oportunidades são raras, e por isso várias pessoas deixam de sonhar com uma perspectiva melhor de futuro. Dessa forma, as mesmas deixam de lutar pelos seus direitos, além de os governantes deixarem na raiz do esquecimento.

O espaço rural por ser uma área muito extensa e geograficamente pouco visto pelo fato de concentrar a minoria das pessoas, as políticas educacionais criadas para esses espaços são limitadas dificultando a sua expansão e a consolidação de uma educação igualitária, onde todos os sujeitos tenham oportunidades iguais. Porém, dentro desse vasto campo territorial, há algumas divisões que recentemente vem sendo tratada como área específica que tem sua própria maneira de trabalho e educação.

Saviani (2006), nos leva a pensar que não só as atividades do trabalho e de responsabilidade ou compromisso do homem, mas, também a educação, ou seja, o ato de trabalhar e o ato de educar é de responsabilidade e capacidade humana.

O território geográfico brasileiro abrange os aspectos educacionais, culturais, sociais e os modos de produções das pessoas que vivem em tais áreas, portanto há uma diferença entre o campo e a cidade, os modos educativos são diferentes, assim como o trabalho exercido pelos povos de ambos lugares.

Entretanto, segundo Caldarte (2012), desde o início da formação do povo brasileiro as relações de trabalho são claras, os portugueses com o trabalho escravo, como uma forma de dominação e exploração da força física dos negros e índios, pois os mesmos eram submetidos a força e condições brutais de exploração e violência.

O trabalho que surge infelizmente como uma forma de escravidão, aos poucos vem se transformando, devido a necessidade das famílias e sociedade, mas ao longo do tempo vem se expandindo, evoluindo para mão de obra qualificada, devido o capitalismo exigente nos dias atuais. Portanto, assim nos diz Caldarte (2012, p.751).

Historicamente, o ser humano se utiliza dos bens da natureza pelo trabalho e, assim, meios de sobrevivência e conhecimento. Posto a serviço de outrem, no entanto, nas formas sociais de dominação, o trabalho ganha um sentido ambivalente. É o caso tanto das sociedades antigas, e suas formas servis e escravistas, quanto das sociedades modernas e contemporânea e capitalista.

Assim, durante muito tempo as pessoas usam sua força física como meio de produção, para sua subsistência ou como forma de ganhar um capital e expandir ainda mais suas produções. Ou seja, o trabalho além de ser uma necessidade é também uma forma do ser humano alcançar prioritariamente a sua dignidade.

Todavia, podemos dizer que os diversos modos de produção no campo evoluíram, hoje há os agronegócios e agroindústrias. Várias funções diferenciadas são precisas, assim como é preciso que os trabalhadores se qualifiquem.

Quanto a agricultura antes produzida somente com a força dos braços, percebe-se que a quantidade manipulada era pouca, hoje se intensificou, é preciso produzir mais. A mão de obra já não é mais prioridade como antes, devido os vários tipos de maquinário existentes, que substituem o exercício das atividades braçais.

Assim, devido toda essa evolução dos meios de produção no campo, há a necessidade de valorizar mais a preparação profissional e educacional das pessoas que habitam tal área. Deste modo, a educação deve ser voltada para a qualificação das mesmas, assim, todos poderiam ter oportunidades de exercer uma função e acompanhar toda essa evolução.

Todavia, a ênfase neste trabalho recai sobre a importância da educação no processo de formação para o exercício de função trabalhista e também na formação humanista do sujeito, assim o educar passa a ser um fator prioritário e primordial, tanto na vida profissional quanto na cultural e social do ser humano.

Assim, Antonio e Lucini (2007) nos diz que, a educação no meio rural entra como um objeto de discussão pelos sujeitos educadores que vivem no campo, antes era vista como educação rural e passa a ser educação do campo pelo fato de abranger um espaço maior.

Sendo que essa educação que hoje se denomina como do campo é fundamental para quebrar o paradigma estigmatizado de que o ensino no espaço campesino é inferior. Além de levar as pessoas que vive nessa área a refletir sobre aquilo que se pode fazer e aprender no próprio lugar em que se estar situado.

Há muitos anos, foram criado no campo, escolas multisseriadas, que tem salas que estudam várias séries juntas, isso é também um dos possíveis fatores, que dificultam a aprendizagem das crianças, e possivelmente venha afetar na sua vida estudantil posterior.

Entretanto, diante dessas discussões é possível dizer que o modo de ensino nesse espaço, quase sempre é visto como atrasado por alguns que não conhecem a

realidade ou vira as costas para ela. Mas, quando se vive essa realidade de perto é possível afirmar que a educação é um dos fatores que pode e deve transformar a realidade do campo.

Através de metodologias, do diálogo e da valorização dos valores existenciais no campo, o ensino-aprendizagem pode ter bastante êxito no que diz respeito a valorização da cultura, das religiões, dos modos sociais, e assim, a educação possa ser integrada.

O processo educacional no campo é as vezes contraditório, para Caldarte (2012), a implementação da pedagogia da alternância é um fator controverso, mas é respaldado em alguns planos estaduais e municipais de ensino, pois de todas as medidas criadas a mais contraditória infelizmente é o fechamento de várias escolas rurais.

Os conselhos estaduais e municipais de educação alegam que as escolinhas do campo, como eles o chamam, dão muitos gastos para os poderes públicos, e por esse motivo já fecharam e possivelmente fecharão mais escolas da zona rural em todo o país. A alternativa criada por eles é investir mais em transporte para a locomoção de alunos de um lugar para outro, e, assim reduzir gastos.

Porém o que vemos hoje é a dificuldade no transporte desses alunos da zona rural para a cidade, carros sem condições mínimas de segurança, superlotação, o cansaço ainda maior dos alunos pelo tempo para a chegada até a escola. Assim, percebe-se que quando se quer reduzir gastos, aparecem outros problemas ainda maiores.

Apesar das dificuldades enfrentadas nos diversos lugares periféricos do país, é possível buscar uma educação que dê oportunidades iguais a todos. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) nos traz um currículo comum a todas as regiões do país, ou seja, em todo lugar a educação será a mesma, é a educação avançando para a consolidação da cidadania.

4. PORQUE OS ESTUDANTES DA EJA PARAM DE ESTUDAR

Essa sessão será discorrida sobre o caminho metodológico trilhado nessa pesquisa e os instrumentos de coleta de dados que foram utilizados para a conclusão deste trabalho.

4.1 A Abordagem e o Caminho da Pesquisa

Esta pesquisa é de natureza descritiva que adotou uma abordagem qualitativa, mostrando as análises dos dados coletados em uma escola da zona rural de Nova Timboteua, que tem como objetivo mostrar os fatores que causam a evasão escolar na EJA.

Assim, neste trabalho foi realizado uma pesquisa de campo que para Furastê (2008 p.35,36).

“tem como objetivo imediato analisar, catalogar, classificar, explicar e interpretar os fenômenos que foram observados e os dados que foram levantados por isso é necessário que os elementos sejam mais fidedignos possíveis, sem qualquer tipo de alteração interferência”.

Os resultados dos dados coletados deram suporte para compreensão da dinâmica do processo da evasão.

Assim, optou-se pela pesquisa qualitativa que segundo Minayo (2008), os instrumentos de trabalho de campo na pesquisa qualitativa permitem uma mediação entre o marco teórico-metodológico e a realidade empírica. Esse manual irá oferecer algumas considerações sobre os mais comumente usados, ou seja, entrevistas, observações e grupos focais.

A pesquisa qualitativa foi realizada com os alunos evadidos na quarta etapa do ensino fundamental, na EJA. Foram sujeitos da pesquisa 4 alunos entrevistados e foram aplicados 20 questionários para obter uma melhor amostragem.

Assim, para consolidar os estudos sobre a temática evasão na EJA, foi preciso paciência e persistência, pois, os sujeitos já evadidos algum tempo foram difíceis de serem encontrados, mas foi um desafio que mostrou a importância da realização da pesquisa.

A evasão, por ser uma temática recorrente na escola em estudo, sua identificação através da pesquisa, contou com a colaboração do corpo docente dando suporte pedagógicos.

A pesquisa de campo revelou que cada sujeito tem um universo próprio, pois quando se faz a relação educação e as oportunidades é imprescindível negar as dificuldades que os mesmos enfrentam a cada dia e a partir daí ver que são fatores que contribuem diretamente para que haja a evasão.

Foram precisos alguns dias para a realização da pesquisa, pois a maioria dos entrevistados são tímidos, e muitas vezes não estavam no momento marcado. Além de que eles moram em lugares diferentes, por isso dificultava a chegada até eles para colher os dados da pesquisa.

4.1.1 O Perfil dos Sujeitos

Os sujeitos pesquisados são jovens e adultos que residem na zona rural, de classe econômica e social pouca privilegiada, alguns já evadiram há 06 e 10 anos atrás, principalmente devido o trabalho, transporte escolar, compromissos domésticos e familiares e todos cursaram até a quarta etapa.

A pesquisa foi realizada com os alunos, (PAULA) 38 anos, casada e cursou até a quarta etapa, (Patricia) 40 anos, casada e cursou até a quarta etapa, (André) 35 anos solteiro e cursou somente até a quarta etapa, (Simão) 35 anos solteiro e cursou até a quarta etapa. Além da professora (Laura) 30 anos que exerce a função docente há 12 anos.

No entanto, na sua maioria são pessoas de classe baixa que se locomovem de 5 à 6 quilômetros para chegar à escola, todos trabalham o dia no pesado e são castigados pelo sol ardente e estafante, que às vezes lhe tiram o prazer em estudar.

Alguns homens e mulheres são casados, por isso, o fator responsabilidade com a família tem que ser assumido, ou seja, conciliar os dois se torna um pouco mais difícil.

4.2 Escola e Aprendizado

A escola é vista sempre como um espaço de aprendizagem, um lugar onde as pessoas desenvolvem seus conhecimentos, ela deve sempre buscar subsídios pedagógicos para atrair seus educandos e tornar as aulas mais dinâmicas e atrativas.

Assim, os sujeitos da pesquisa relatam que:

Sim, a escola contribuiu bastante para o meu desenvolvimento, enquanto aluna, durante o período que estudei lá, e não trocaria de escola porque ela têm bons professores e funcionários que nos

acolhe bem. Olha a escola sempre fez com que a gente aprendesse, os professores eram esforçados, a diretora sempre nos motivava, mais o cansaço era muito grande, por isso eu não aprendi muito. (PAULA,38 anos, em 28 de junho 2018)

Sim, porque é os professores, eles educavam as pessoas como profissionais né, não, porque a escola ela oferecia a educação que a gente precisava, escola de boa qualidade, então não tinha porque trocar de escola. Assim, porque os profissionais como eu já disse eram de boa formação, e a educação eram da forma que dava pra gente aprender, muitas coisas. (PATRICIA, 40 anos, em 28 de junho de 2018)

Assim, a relação entre a escola e o aprendizado nas falas dos sujeitos é algo muito relativo já que as dificuldades no aprender estão voltadas para as condições de trabalho que os mesmos exercem.

Os sujeitos pesquisados revelam que o professor é o agente que colabora para que haja uma aprendizagem consistente, que pelo fato de ter um laço efetivo entre discente e docente ajudava no ensino e aprendizagem.

A escola é o lugar onde toda pessoa busca algo mais para acrescentar ao conhecimento que todos possuem. Assim, a escola pesquisada tem subsídios pedagógicos para que seus alunos ampliem seus conhecimentos.

Ramofly (2002) reitera que devido muitos desses sujeitos trabalharem no pesado na agricultura, a carga horária de trabalho elevada faz com que os alunos cheguem muito cansados à escola e não ter prazer em estudar, isso interfere em seu aprendizado.

Ao analisar o relato dos sujeitos é perceptível que a escola busca elementos pedagógicos que contribuem para o aprendizado dos alunos adultos, por outro lado, a mesma não lhe dá a formação adequada segundo a sua utopia. Todavia, as instituições de ensino desenvolvem uma pedagogia que levam os discentes a ter autonomia no aprender, mas devido as condições econômicas dos educandos, são obrigados a exercerem atividades de trabalho para a sua subsistência.

As falas dos sujeitos nos dizem que:

Sim, eu gostava de estudar naquela escola, mas, eu trocava, porque ela não tinha a condição de ensinar aquilo que eu realmente queria aprender, que era ser soldador. Sim, a escola oferecia forma de ensinar bastante produtiva, por motivo que ela ensinava, as medidas

os números, cálculos que eram fundamental para o meu aprender. (ANDRÉ, 35 anos, em 30 de junho de 2018).

Olha eu gostava de estudar naquela escola, apesar de eu achar ela meia atrasada, mas eu não trocava não, se surgisse outra escola, por causa que eu me dava muito bem com os professores e com as pessoas que trabalham na escola. A escola sempre ensinava coisas boas, por isso eu aprendi muitas coisas, porém tinha algumas coisas que faltava pra eu aprender mais, os professores ao meu ver eram muito esforçado para que o aluno aprendesse. (SIMÃO, 35 anos em 30 de junho de 2018)

Para André e Simão, a escola era boa, existia uma relação afetiva entre discente e docente, mas a escola não atendia suas necessidades, pois os mesmos buscavam uma aprendizagem de formação e a escola não oferecia, levando-os a buscar outras alternativas que atendesse suas reais necessidades.

Assim, muitas vezes as instituições não oferecem alternativas para os educandos exercerem suas escolhas, pautada em sua satisfação de aprender o que eles almejam.

Todavia, André descreve a importância de ter um ensino técnico, que atendesse a sua necessidade, pois a escola em que ele estudava não atendia a essa modalidade de ensino.

Na zona rural quando se busca uma qualificação profissional é preciso se deslocar para a cidade, assim o campo perde uma mão de obra qualificada, porque esse jovem não volta.

Assim, um dos fatores que interferem nos aprendizados dos discentes são as tarefas que eles têm que exercer no dia a dia, que para Roza e Bezerra (2012) a necessidade de trabalhar ainda é o maior empecilho para que os jovens e adultos continuem suas vidas estudantis.

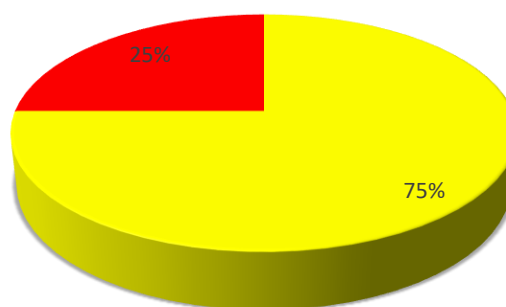
Os jovens do campo buscam se qualificar em áreas técnicas que posteriormente venham desempenhá-las na zona rural, afim de dar um retorno a seus pais e comunidade.

O estado, secretarias e escolas devem dialogar com os sujeitos, saber dos mesmos o que eles pensam? o que eles querem aprender? Qual sua real necessidade de aprendizado? São questões que mostram a personalidade e o perfil do sujeito jovem e adulto.

O gráfico abaixo mostra o quanto as atividades dos professores e da escola contribuíram para sua aprendizagem.

Gráfico 1- Contribuição das atividades dos professores para a aprendizagem dos alunos.

AS ATIVIDADES DOS PROFESSORES CONTRIBUÍRAM PARA SUA APRENDIZAGEM?



■ SIM ■ NÃO

Assim, ao analisarmos o gráfico percebe-se que 75 % dos jovens e adultos da zona rural afirmam que as metodologias das escolas e professores são fatores que menos contribuem para a evasão.

Geralmente a relação afetiva entre docente e discente na zona rural é boa. Portanto, essa relação facilita para que os jovens e adultos tenham uma aprendizagem consistente.

4.3 Evasão, EJA e Trabalho

Esse tópico apresentará a relação entre evasão na EJA em consequência das atividades que os sujeitos desenvolvem no seu dia a dia. E na zona rural a cultura do trabalho é bem presente entre os jovens e adultos.

Quando indagados sobre as relações de trabalho e EJA, os sujeitos de pesquisa disseram:

Sim, já parei por um ano devido a condição econômica, no ano de 2008, na 4^o etapa, por ser a noite eu tinha dificuldade de enxergar bem, e também às vezes eu chegava cansada da roça e não tinha

pique pra ir para a escola estudar. Não, o trabalho nunca interferiu muito no meus estudos, porque na época que eu estudava, eu trabalhava com minha mãe e meu pai na lavoura, as vezes quando eu trabalhava até tarde eu faltava, mas não era com frequência. Se aparecesse uma oportunidade de trabalho, sim eu escolheria o trabalho para poder ajudar a minha família, e poder fazer outros tipos de trabalho. Não, porque eu sempre trabalhei na lavoura com meus pais, mais mesmo trabalhando sempre dava para ir a escola. Mais conciliar trabalho e estudo é complicado, mais graças a Deus sempre eu consegui fazer ambos. (PAULA, em 28 de junho de 2018)

Sim, o motivo foi trabalho e não tinha condição de ir à escola e ao mesmo tempo trabalhar, então por isso que eu parei na quarta etapa. Sim, é porque eu não tinha condições né de ir a escola e ao mesmo tempo trabalhar ai então eu teve que trabalhar para o sustento de casa ai eu parei de estudar. Sim, porque é hoje em dia é pouca as opções de trabalho, então a gente tinha que ir trabalhar e parar de estudar porque tinha que ajudar nas tarefas na agricultura porque tinha que comer. Eu sou doméstica, é gostar, gostar não muito, mais é a opção que tenho de trabalho, ou é isso ou a roça não tinha muita opção, sim, porque é muito cansativo, estudar e trabalhar. (PATRICIA, em 28 de junho de 2018)

Segundo o relato dos sujeitos acima, o trabalho é o principal fator que desestimulam os alunos. Assim, os mesmos evadem por optarem trabalhar para sua subsistência do dia a dia, pois sabemos que o público da EJA são, em sua maioria, pessoas de condições financeiras precárias.

Entretanto, o cansaço devido longa jornada de trabalho, é outro fator que leva o discente da EJA a evadir, sendo que na fala dos sujeitos é muito difícil conciliar estudo e trabalho.

Todavia, Fernandes (2010), compreende que a jornada diária de trabalho, o afastamento da escola, as questões socioeconômicas, baixo estímulo e falta de motivação são fatores que levam os alunos a evadirem.

As famílias que moram na zona rural, educam seus filhos com valores e trabalho, principalmente domésticos e na agricultura. Assim, as jovens desempenham as atividades domésticas e na agricultura, por isso chegam cansadas na aula, e não tem estímulo para aprender.

Sim, parei por motivo que eu tinha que trabalhar para ajudar no sustento da casa e por isso ficava difícil fazer os dois e eu parei de estudar infelizmente na quarta etapa. Sim, eu parei de estudar porque eu trabalhava como soldador, profissão que aprendi com meu pai e precisava ajudar em casa, porque a nossa família era grande e

eu precisava trabalhar. Sim, na época em que eu estudava, apareceu uma oportunidade, e por isso eu resolvi trabalhar, e lamentavelmente eu deixei os estudos. Eu sou soldador, sim, eu gosto porque desde criança eu vi meu pai trabalhar com solda, é eu queria ser igual a ele, sim, porque ficava difícil conciliar trabalho e estudo, pois era muito cansativo. (ANDRÉ, em 30 de junho de 2018)

Sim, eu parei de estudar primeiro na terceira etapa quando eu tinha 19 anos, eu fiquei um ano sem estudar e depois eu continuei e passei para a quarta etapa,(...). Sim, as duas vezes que parei foi devido o trabalho, como eu falei eu trabalhava na agricultura, e apanhava açaí, à tarde chegava cansado e não tinha vontade de ir para a escola. Sim, porque estudar é bom pra gente aprender ,(...) Eu sou agricultor, olha gostar eu não gosto muito mais como eu não estudei muito é só o que eu sei fazer então eu não tenho muitas opção, eu sentia muita dificuldade em estudar e trabalhar por causa do cansaço do trabalho diário, se eu tivesse mais tempo livre eu tinha quem sabe me formado. (SIMÃO, em 30 de junho de 2018)

Para os sujeitos pesquisados do sexo masculino, não é diferente, pois optaram por trabalhar para ajudar a família. Portanto, os sujeitos são oriundos de família cujos pais tiveram oito filhos e as condições financeiras não era das melhores, contribuindo para que eles evadissem.

No entanto, André lamenta por ter parado de estudar. A escola não ofereceu condições de aprendizagem que este precisava, pois ele buscava uma qualificação como soldador, era o que ele queria desde criança.

Assim, sobre esse contexto a professora Laura nos diz que:

“eu acredito que o fator seja muitas das vezes o cansaço, porque tem pessoas que já tão a tanto tempo afastados da escola ai muitas das vezes tem o incentivo da família, ou mesmo da própria secretaria de educação, mas aí com determinado tempo quando inicia, aí vem porque tem o compromisso do dia a dia, com suas tarefas, aí quando chega em sala de aula vem o cansaço e hoje a gente ver que não é mais como era antes, agente ver que a metodologia hoje mudou completamente e isso muitas das vezes, essas pessoas que estão há muito tempo afastados da escola não se adequam a esse ritmo de hoje, das atividades que são desenvolvidas em sala de aula. (LAURA, 30 anos, em 29 de junho de 2018)

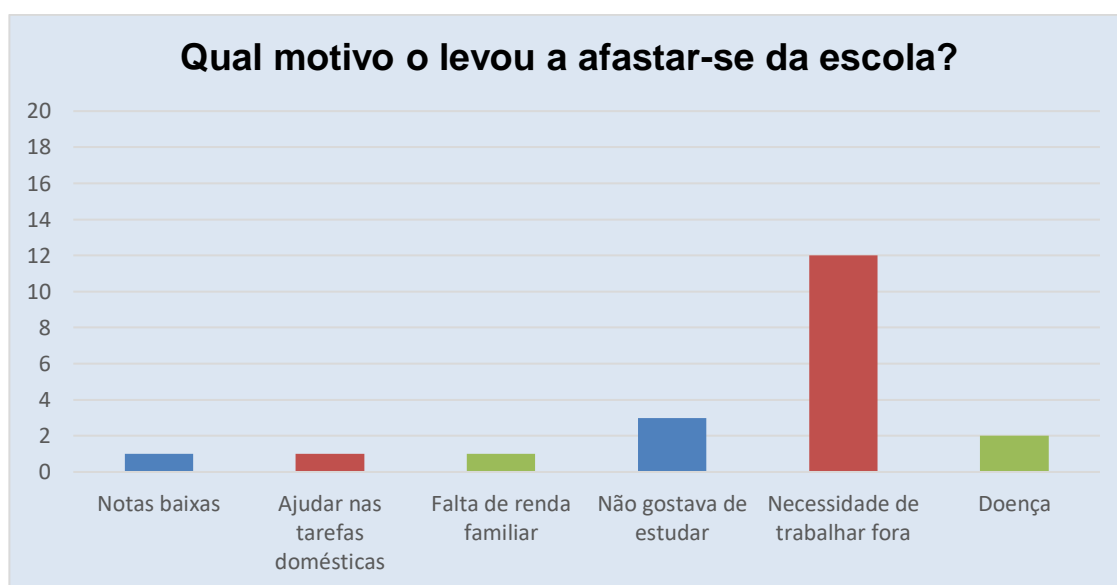
Segundo a fala da professora é possível observar que um dos elementos que contribuem para que haja a evasão é justamente o trabalho, mas não é o único, pois o afastamento da sala de aula por muito tempo dificulta o aprender, levando em

consideração que as metodologias mudaram e os sujeitos não conseguem acompanhar as atividades desenvolvidas nos dias de hoje.

Assim, a mudança ocorrida nas escolas em relação as metodologias, os incentivos da secretaria, dando subsidio para que os alunos adultos continuem os seus estudos ainda não é o suficiente, deveriam ser criadas políticas publicas que dessem condições necessárias para que os discentes pudessem exercer o seu direito ao estudo.

Portanto, sobre isso Oliveira (2015, p.26) nos diz que, as “diretrizes curriculares da educação de jovens e adultos estabelecem a educação como direito”. E esse direito deve ser cumprido pelos poderes públicos para a consolidação de uma educação igualitária levando em consideração as condições sociais, culturais e econômicas do sujeito.

Gráfico 2- Condições que motivaram o afastamento dos educandos da escola.



Ao analisar o gráfico acima, percebe-se que 60% dos jovens e adultos evadem devido o trabalho. Esses dados são uma realidade na zona rural, pelo fato dos sujeitos não terem muita opção, muitos deles começam a trabalhar bem jovem.

Portanto, as falas dos discentes pesquisados e o gráfico nos mostram que grande contingente de jovens e adultos chegam a deixar as instituições de ensino devido a sua condição econômica que os forçam a exercerem atividades remuneradas.

4. 4 Dificuldades de ir à Escola

As dificuldades de se buscar o aprendizado sistematizado ao longo do tempo sempre foi difícil para as pessoas que vivem no campo, devido a locomoção do sujeito até as escolas, muitas pessoas não têm acesso ao aprendizado devido a falta de transportes escolares e de políticas públicas que atendam especificamente os sujeitos do campo.

Sobre essas dificuldades os pesquisados relatam que:

Sim, era difícil porque antes não havia transporte, dificultava pra mim a minha ida até a escola, mas mesmo assim eu não deixava de ir para a escola, porque era onde eu podia aprender um pouco mais. Estudei durante três anos, e decidir estudar a EJA, para adiantar meus estudos, já que havia perdido três anos, e a EJA foi melhor maneira para não atrasar meus estudos e poder avançar mais rápido. (PAULA, em 28 de junho de 2018)

Tinha um pouco de dificuldade porque era muito distante a escola, na época não existia o transporte escolar por isso era muito difícil, muitas vezes eu e alguns colega íamos andando. Uns quatro anos, sim as dificuldades são varias, é porque, a educação de jovens e adultos agente avança mais rápido nos estudos, porque faz duas series no mesmo ano, olha os estudos era pra facilitar a vida da gente mais às vezes atrapalha nos momentos da dificuldade que a pessoa tem. (PATRICIA, em 28 de junho 2018)

As dificuldades enfrentadas pelos jovens e adultos da zona rural são frequentes desde cedo. Para estudarem precisam se locomover para outros lugares, ou seja, a distancia e o transporte são fatores que levam os alunos a parar seus estudos.

Na fala de Paula, percebemos que muitos jovens e adultos resolvem estudar na EJA querendo avançar, já que contempla duas séries, ou então com o propósito de recuperar o tempo perdido, já que alguns deles não pretendem fazer uma graduação.

Assim, em relação as escolas do campo, Nascimento (2006) afirma que, as escolas da zona rural são relegadas ao abandono, e denominada como isolada, as prefeituras querem diminuir custos trazendo os alunos para as cidades causando um problema, tendo que manejar os discentes em Combis ou em carros de boi, dificultando assim, a aprendizagem dos sujeitos.

Sim, eu tinha dificuldade por motivo que eu morava longe, e não tinha transporte naquela época, por isso era muito difícil chegar até a escola, só íamos de cavalo ou de bicicleta que era emprestada do vizinho porque agente não tinha. Eu fiquei três anos na EJA, e por isso tinha dificuldade de estudar naquela época, eu me matriculei para tentar continuar os estudos e tentar avançar, porque eu fazia duas séries juntas. O estudo de uma forma ajudou muito no meu saber, mas atrapalhou um pouco, porque três anos que passei na EJA, não consegui passar de ano devido a minha dificuldade com o português. (ANDRÉ, 30 de junho de 2018)

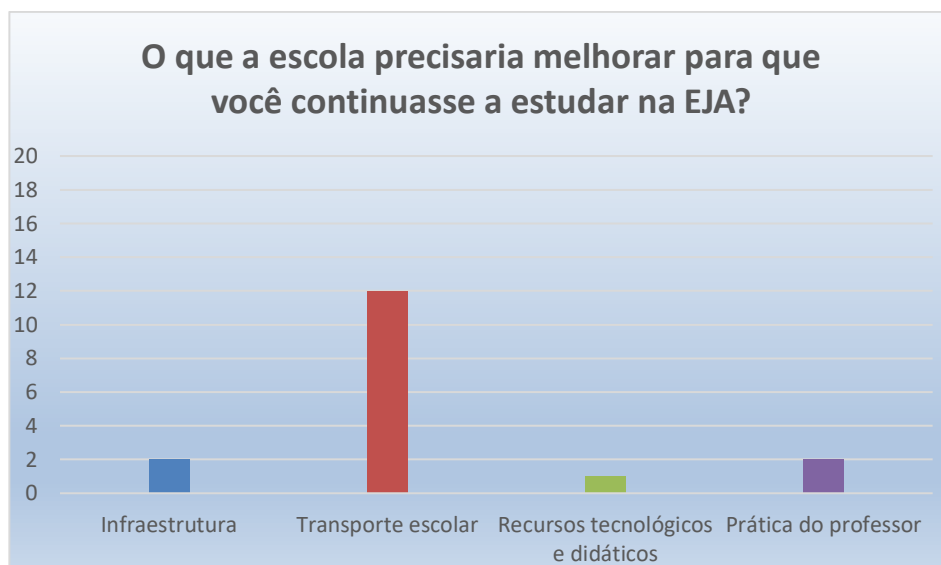
Eu não tinha dificuldade para chegar a escola porque ela ficava a três quilometro de casa, quando não tinha o ônibus eu ia de bicicleta com alguns amigos eu achava divertido, só que eu chegava tarde em casa e isso preocupava a minha mãe. Eu fiquei na EJA quatro anos, porque era difícil pra mim estudar e trabalhar, a dificuldade era só essa e eu me matriculei para estudar na EJA, porque eu queria avançar mais rápido nos meus estudos, olha o aprender ou os estudos é pra facilitar a vida no futuro de toda pessoa, mas a minha às vezes atrapalhava, porque eu sofria muito sono de noite. (SIMÃO, em 30 de junho de 2018)

Para André e Simão a dificuldade para ir à escola é justamente a falta de transporte escolar, pois como os mesmos moram no campo, eles têm que se locomover para outro lugar e as vezes quando faltava o ônibus eles iam de bicicleta ou a cavalo.

Assim, todas essas dificuldades enfrentadas pelos jovens e adultos do campo, contribuem para que haja um grande contingente de analfabetos e analfabetos funcionais. Desse modo, não podemos julgar ser culpa desses jovens, quando não se prioriza as políticas educacionais que possibilitem um aprendizado mais consistente.

Todavia, é possível criar possibilidades que diminuam essas dificuldades, Oliveira, (2015, p.43) nos diz que, as Diretrizes Curriculares Nacionais estabelecem que é necessário formular projeto pedagógico específico de acordo com o perfil de cada sujeito e de cada região.

Gráfico 3- Sugestões de melhorias para a escola, segundo os educandos da EJA.



O gráfico acima, afirma que os pesquisados concordam que um dos maiores empecilhos para que os jovens e adultos parem de estudar é justamente os transportes escolares. Cerca de 60% dos entrevistados com aplicação de questionários dizem que a distancia e as condições precária das estradas dificultam a locomoção dos ônibus escolares.

Na educação o apoio familiar é crucial para que os discentes possam avançar em seus estudos. Porém, muitas vezes não encontram esse apoio, dificultando sua aprendizagem.

Quando a família não apoia, ela contribui para que o aluno seja oprimido já que os sistemas sociais sufocam e não deixam que os jovens tenham autonomia para aprender o que lhe é de direito.

Assim, em relação ao apoio familiar os pesquisados dizem:

Sim, eu recebo apoio da família eles querem que eu estude mas por opção minha decidir parar meus estudos, após ver a necessidade delas e eu tinha que ajudar em casa no trabalho na agricultura. (PAULA, em 28 de junho de 2018)

Muitas vezes por ser de família de classe social e econômica menos privilegiadas, os jovens optam pelo trabalho para ajudar na renda da casa e param de estudar por não ter o estímulo e o apoio familiar.

É a minha família, eles não me oferecem muito apoio porque cada um dos irmãos já estão cuidando da sua família, dos seus filhos, e aí

eles não têm condições de me ajudar, os pais incentivam, mas também não tem a condição pra me ajudar pra eu continuar os estudos. (PATRICIA, em 28 de junho de 2018)

Portanto, Patrícia nos descreve que parou seus estudos devido a condição financeira de sua família, pois seus pais e seus irmãos não tinham condições para lhe auxiliar nos estudos.

Em relação a isto Caldarte (2012) nos diz que, o trabalho assume um papel fundamental no processo educativo e participação ativa do camponês na vida social. Deste modo, os pais optam em educar seus filhos do modo como eles se educaram, nos valores familiares.

Assim, as crianças do campo vão mais tarde à escola, por isso o primeiro compromisso com a educação é dos pais e da família como um todo, esses educam seus filhos através de atividades desenvolvidas na roça e às vezes não dão apoio para os jovens continuarem a estudar e a buscar uma formação.

As famílias que vivem nas áreas campestinas, geralmente são pobres, não tem muitos recursos financeiros, por isso, muitas vezes, as pessoas deixam os estudos e se dedicam mais ao trabalho.

Sim, eu recebia apoio de várias pessoas da minha família, porque como eu tinha uma profissão que era soldador, eles queriam que eu aprimorasse mais como soldador. (ANDRÉ, em 30 de junho de 2018)

Para André, a família sempre foi um porto seguro, pois o incentivava a continuar os estudos. Por outro lado, a escola não oferecia uma formação de acordo com o que ele mais almejava, uma formação que o levasse a exercer a função de soldador a outros lugares.

Eu sempre recebi apoio dos meus familiares, meus pais sempre me deram forças para continuar os estudos, e talvez me formar como agrônomo que é o meu sonho, mas devido a nossa condição, eu tenho que trabalhar para ajudar em casa. (SIMÃO, em 30 de junho de 2018)

Portanto, o que percebemos na fala dos sujeitos foi que a maior dificuldade encontrada em relação a continuidade dos estudos é, sem dúvida, devido o trabalho que tem que enfrentar no dia a dia para ajudar no sustento da família. Mas, é preciso ressaltar que a família incentiva e estimula esses jovens e adultos a estudarem.

Os filhos dos camponeses experimentam uma necessidade maior da aproximação entre trabalho e o estudo, visto que a maior parte deles ingressam cedo nas lidas da roça para ajudar a família, [...] mas na escola apenas se estuda, e este estudo nada tem a ver com o trabalho que o camponês desenvolve com a terra. (CALDARTE, 2012. p.295)

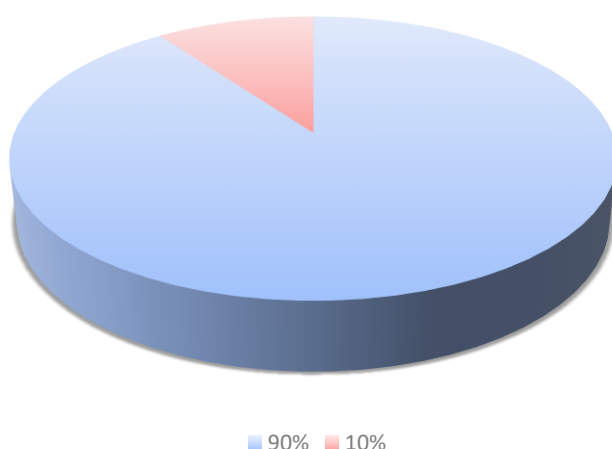
No campo, os jovens e adultos aprendem desde cedo que o trabalho também é uma forma de educação, forma essa que é fundamental para a formação cidadã desses sujeitos.

Esses jovens por serem de classe baixa, veem no campo a oportunidade de crescer economicamente e experimentam uma educação familiar de valores, onde eles aprendem com o trabalho.

Apesar da família incentivar os filhos a estudar, eles aprendem muitas vezes algo distante da realidade, sendo que nem sempre se ensina algo que realmente eles querem aprender.

Gráfico 4- Pretensão dos alunos em continuar os estudos.

Você pretende continuar os estudos?



Esse gráfico mostra que apesar das dificuldades enfrentadas em seu cotidiano, os discentes sempre almejam uma formação, por isso 90% deles afirmam que pretendem continuar os estudos, mesmo sabendo que a educação no campo tem ficado em planos secundários.

Quando perguntada em relação ao apoio da família e as secretarias, a professora nos disse que:

Eu penso assim, o apoio não da família porque sempre incentiva, mas apoio da própria secretaria de educação, não dá apoio para as

peças que estão muito tempo afastadas da EJA pra estudar, esse apoio é em relação aos recursos materiais didáticos, um incentivo em si, porque agente percebe principalmente aqui em Nova Timboteua, que as promessas vem, o dinheiro quando é pra ser investido na educação da EJA vem também, mas que na realidade isso fica engavetado, aí desanima porque da última vez como aconteceu aqui, foram muitas promessas, de que ia ter exame de vista, do material escolar, dos uniformes, vinha pra cada um e na realidade nada disso aconteceu, então isso também é um dos fatores que faz com que as pessoas fiquem tristes, desanime, porque é só promessa, e na realidade não acontece. (LAURA, 30 anos, em 29 de junho de 2018)

A professora Laura, enfatiza que o apoio da família é importante, mas o apoio da secretaria é primordial para que os jovens e adultos continuem seus estudos, mas, segundo ela é só promessa que não se consolidam. Assim, contribuindo para que o fenômeno evasão se alarme cada vez mais.

O apoio do poder público do município é fundamental para que a educação dos jovens e adultos tenha êxito, pois é preciso auxiliar esses sujeitos dando subsídios materiais para que os mesmos possam estudar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar esta pesquisa percebe-se que os objetivos propostos foram alcançados, assim, deline-se que a problemática evasão é algo complexo, pois não depende somente do sujeito, mas também do poder público.

Considera-se que a educação parte da primícia de que todo ser humano pode educar, porém somente as instituições podem ofertar a educação sistematizada como forma de promover a cidadania e dar oportunidades para os jovens e adultos do campo.

O estudo revelou que a escola como promotora do saber deve discutir sobre o tema evasão, pois percebe-se que há fatores internos e externos, e que os discentes são taxados devido as condições de vida culminando com o fracasso escolar.

A evasão e EJA estão interligadas, pois ao fazer a pesquisa percebeu-se que o fenômeno exposto nesse trabalho ocorre principalmente nessa modalidade, assim, pode-se afirmar que não é culpa somente do sujeito, mas são problemas oriundos de alguns anos atrás, quando a educação aos jovens e adultos foi negada.

Assim, a pesquisa realizada na escola Maria Urbana da Silva, corroborou com a pesquisa de campo que investigou fatos empíricos da vida estudantil dos sujeitos. Esta contribuirá para que haja uma reflexão de escola e secretaria, para buscar suporte pedagógico e estrutural que venham amenizar o fenômeno evasão.

Todavia, percebe-se que o trabalho é a maior causa da evasão entre os alunos da EJA. Deste modo, as secretarias de educação e escolas devem atentar mais para uma educação específica para os sujeitos que vivem na zona rural.

No entanto, fatores secundários que também contribuem para que os discentes venham a evadir são: falta de transportes escolares, dificuldade de aprendizado, falta de motivação familiar, além de falta de políticas educacionais voltadas para o campo.

Um outro fator que contribui para a evasão na EJA em Vila Timboteua Pará, é justamente a extração de um fruto chamado açai, um fruto tipicamente amazônico especificamente paraense que é extraído da árvore açazeiro que é a base da economia local, pois muitos alunos aproveitam a safra que vai de agosto à dezembro para aumentar sua renda financeira e por esse motivo chegam a evadir no segundo semestre do ano letivo. Outro fator encontrado é devido a vergonha de alguns alunos por se encontrarem em uma distorção idade-série muito grande, chegam a evadir com medo do preconceito social, de deboche ou por não se acharem capazes de se alfabetizar ou aprender.

Portanto, finaliza-se fazendo uma reflexão. A evasão é algo que ultrapassa os muros da escola, sendo um problema social já que no passado foi negado o direito aos sujeitos, hoje estes apresentam dificuldades em aprender. Apesar da evasão ser um tema comum, às vezes é polêmico pela complexidade enfrentada no dia a dia.

REFERÊNCIAS

- ANTONIO, C.A, LUCINI, M. **ensinar e aprender na educação do campo: processos históricos e pedagógicos em relação**. Campinas: disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Volume .27.n.72, p.177-195.2007.
- ARROYO, Miguel Gonzalez. **Por uma educação do campo**, Brasília, Editora Vozes, 2002.
- AZEVEDO, Francisca Vera Martins de. **Causas e consequência da evasão escolar no ensino de jovens e adultos na escola municipal “Expedito Alves”**- 2013. Disponível em:[http:// webServer. Falnatal. Com. Br/ revista-nova/ a4-v2](http://webServer.Falnatal.Com.Br/revista-nova/a4-v2).
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- BRASIL. Constituição (1988) **Constituição Federal**. São Paulo; Atlas 2006.
- CALDARTE, et al. **Dicionário da educação do campo**. São Paulo, Rio de Janeiro: expressão popular, 2012.
- CAMPOS, Francisco. **Exposição de Motivos**. Ministério da educação e da Saúde Pública. Rio de Janeiro, 1931. P.3 e 5. CHAGAS, Valnir. Educação.
- CAMPOS, E, L; Oliveira. D, A. **infrequência dos alunos trabalhadores** – em processo de alfabetização na Universidade Federal de Minas Gerais 2003.
- CUNHA, Conceição Maria da, introdução: discutindo conceitos básicos. In: Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a distância. **Salto para o futuro: Educação de Jovens e Adultos**. Brasília: SEED, 1999. P. 9-18.
- FARIAS, Wendell Fiori de. **Educação de Jovens e Adultos**. São Paulo, Pearson Education do Brasil, 2009.
- FADE, Faculdade de Decisão. **Orientações básicas para a construção do projeto de pesquisa**. Pernambuco, Paulista, 2010.
- FERNANDES, Neuza Margarete Gomes. **Uma experiência de acesso e permanência nos cursos do PROEJA-FIC do campo Tucuruí do IFPA**. Scribd blog. 2010. Disponível em: <http://pt.ccribd.com/doc/52037055/25/PROEJA-FIC-e-evasão-um-relato-de-experiencia>. Acesso em 10 de março. 2018.
- FERREIRA, AmarilioJr; BITAR, Marisa. **Educação e ideologia tecnocrática na ditadura militar**. Campinas: 2008.
- FINDLAY, Eleide Abril Gordon. COSTA, Mauro A. GUEDES, Sandra Paschoal de Camargo. **Guia para elaboração de projeto de pesquisa**. Santa Catarina: UNIVILLE, 2006.
- FREIRE, Ana Maria A. **Analfabetismo no Brasil**. 2º ed. Cortez. São Paulo, 1993.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**, são Paulo, editora Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GERHARDT, Tatiana Engel. SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2009.

GUERRA, Elaine Linhares de Assis. **Manual de Pesquisa qualitativa**. Belo Horizonte, 2014.

HADDAD, S; DI PIERRO, M. C. **Escolarização de Jovens e Adultos**. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n.14, p. 108-130, 2000.

LEITE, S.C. **Escola Rural: urbanização e políticas educacionais**. São Paulo: Cortez, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento**. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

NASCIMENTO, Claudemiro Godoy do. **Educação e Cultura: As Escola do Campo em Movimento**. Goiânia: fragmentos de cultura, 2006.

PAIVA, j, de parangolés e giros na eja. In: BARCELOS. V, DANTAS, T, R. **políticas e práticas na educação de jovens e adultos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

PALMA Filho, J, C. **Pedagogia Cidadã**. Cadernos de formação. História da educação. 3º ed. Santa Clara. São Paulo, 2005.

PASSOS, Joana Célia dos. **Educação de jovens e adultos no campo**. Rio de Janeiro: Salto Para o Futuro, 2006.

PERES, G. M.B. **evasão escolar na eja: estigma ou desafio das escolas públicas?**. 2016. 184f. Monografia de conclusão de curso (educação em ciências sociais, educação e administração) – Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologias, Lisboa, 2016.

ROSA, R.S, BEZERRA, E. C. **Educação e Inclusão Social**. São Cristóvão- SE: 2012.

SANTANA, Maria Lopes. **Perguntas dos professores da educação de jovens e adultos**. Instituto Federal. Santa Catarina, 2013.

SANTOS, A. R. dos, SOUSA,G. dos. S. **Um estudo das relações entre EJA e a educação do campo**. Belo Horizonte: trabalho e educação, 2012.

SAVIANE, O. **Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos**. Revista brasileira de educação. (trabalho apresentado em sessão especial no GT trabalho e educação, durante a 29º reunião anual da ANPED, realizada em caxambu- MG, de 16 a 20 de outubro de 2006.

SILVA, Ana Selma. **Elaboração de trabalho acadêmico**: evasão escolar na EJA em nova Timboteua. Castanhal, 2005.

SOLIGO, Rosaura. **Dez Questões a Considerar**. Disponível em: <http://www.tvbrasil.com.br/salto/boletins/2001/leetxt1.htm>. Acesso em: jul. 2010.

OLIVEIRA, I, A. **As políticas de educação de jovens e adultos no século XXI: Diretrizes dos documentos demarcatórios em curso**. In: BARCELOS. V, DANTAS, T, R. **políticas e práticas na educação de jovens e adultos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

<<http://ww2.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/default-regioes-brasileiras>>. Divisão Regional do Brasil 1872-2010, Acesso em 08 de abril de 2018.

APÊNDICE

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO- TCLE

Serviço Público Federal
Universidade Federal do Pará
Campus Universitário de Castanhal
Faculdade de Pedagogia

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Estou realizando uma pesquisa de campo para subsidiar o meu Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Pará, Campus Castanhal, que tem como Título ***buscar entender os fatores que contribui para a evasão na EJA.***

Este trabalho tem como objetivo ***Identificar os fatores que causam a evasão na Eja, em uma agrovila de Nova Timboteua.***

Para tanto, gostaria de contar com sua colaboração, respondendo a este questionário. Esclareço que sua participação é totalmente voluntária, podendo desistir a qualquer momento, sem que isso acarrete qualquer ônus ou prejuízo a sua pessoa, e que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa, e serão tratadas em mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade.

Eu _____ Declaro ter sido informado sobre todos os procedimentos da pesquisa de campo acima citados, da qual fui convidado(a) a participar e aceito contribuir voluntariamente com essa pesquisa. Por isso assino este termo de consentimento livre, que será assinado por mim e pelo pesquisador.

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador

Data: ____ / ____ / ____

APÊNDICE B- QUESTIONÁRIO PARA ALUNO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO
BÁSICA-PARFOR

QUESTIONÁRIO PARA ALUNOS

1- Perfil do participante

1.1- Nome -----

1.2- Idade-----

1.3- Sexo () masculino () feminino

1.4- onde você mora? () espaço rural () espaço urbano

1.5- você trabalha? () sim () não. Caso responda sim, qual sua profissão?

2- Porque você optou por retornar os estudos na modalidade educação para jovens e adultos?

3- Você já parou de estudar alguma vez na modalidade da EJA?

() sim () não

3.1- Em caso afirmativo, qual motivo o levou a afastar-se da escola?

() notas baixa

() ajudar nas tarefas doméstica

() falta de renda familiar

() não gostava de estudar

() necessidade de trabalhar fora

() não gostava da disciplina e professor

() problemas na visão

() doença

() outros -----

4- As atividades dos professores contribuíram para sua aprendizagem?

() sim () não

5- Quantos anos você ficou afastado da escola?

() 1 a 3 anos () 4 a 5 anos () 6 a 10 anos () 11 a 15 anos

Outros: -----

6- A escola tomou alguma iniciativa para evitar a sua desistência? Qual?

sim não

7- O que a escola precisa melhorar para que você continuasse a estudar na EJA?

- infra estrutura
- recursos tecnológicos e didáticos
- prática do professor
- transporte escolar

8- Você pretende continuar os estudos?

sim não

9- Qual sua perspectiva de vida para o próximo ano?

.....

.....

10- você pretende se formar em alguma área específica?

.....

.....